

Os Restos Mortais

Os restos mortais

Copyright © 1984, by Fernando Sabino

Rua Canning, 22, ap. 703 – Ipanema – 22031-040

Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Diretor editorial	Fernando Paixão
Editora	Carmem Lucia Campos
Editora assistente	Malu Rangel
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisoras	Luicy Caetano de Oliveira Cátia de Almeida

ARTE

Capa	Doune Spinola (concepção de Fernando Sabino)
Editora	Suzana Laub
Editor assistente	Antonio Paulos
Editoração eletrônica	Studio 3 e Eduardo Rodrigues

O texto “Os restos mortais” pertence à obra *Aqui estamos todos nus*, trilogia de novelas de Fernando Sabino, publicada pela Editora Record.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S121r

7. ed.

Sabino, Fernando, 1923-2004

Os restos mortais / Fernando Sabino. - 7.ed. - São Paulo :
Ática, 2007.

64p. : - (Fernando Sabino)

Inclui apêndices e bibliografia

Contém suplemento de leitura

ISBN 978-85-08-10706-3

1. Conflito social - Literatura infantojuvenil I. Título.

06-3441.

CDD: 023.5

CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 10706-3 (aluno)

ISBN 978 85 08 10707-0 (professor)

2010

7ª edição

2ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 1995

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 – CEP 02303-900 – São Paulo, SP

Atendimento ao cliente: 0800-115152 – Fax: (11) 3990-1776

www.atica.com.br – www.atica.com.br/educacional – atendimento@atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Os Restos Mortais

Fernando
Sabino

conforme a nova ortografia da língua portuguesa


editora ática

APRESENTAÇÃO

Não passaria de pretensão de minha parte ser hoje um escritor como eu imaginava aos vinte anos de idade. O mundo mudou, e eu com ele. A literatura continua — só que concebida em termos mais amplos. Os meios de comunicação evoluíram juntamente com a formulação literária, e continuarão evoluindo sempre.

Procuro exercer o meu ofício de maneira a que a expressão não se subordine à comunicação, mas se identifique com ela: que seja compatível com os meios de difusão de nosso tempo.

Ao longo de tantos anos como escritor, reconheço que tenho tido muitos leitores — mais do que eu esperava (ou merecia). Vieram surgindo ao longo das novas gerações que se sucedem.

Sendo assim, espero não se haja confirmado — pelo menos no meu caso — a terrível previsão do escritor e cineasta italiano Pasolini, ao afirmar, já em 1955: “Somos os últimos homens de letras: fomos liquidados pela comunicação, que se sobrepôs à expressão”.

O ideal seria o perfeito equilíbrio entre uma coisa e outra. É o que tento atingir com meus livros. O romance *O encontro marcado*, por exemplo: concebido como obra de ficção, baseou-se quase inteiramente em dados recolhidos ao longo da minha vida pessoal. A isso devo talvez o fato de serem lançadas até hoje tantas edições sucessivas, o que me surpreende mais do que a ninguém.

O interesse de novos leitores por este e outros livros meus certamente se deve em grande parte à eficiente divulgação promovida pela Editora Ática entre a juventude.

Acredito que os problemas do meu tempo, por mim abordados, de jovens procurando se afirmar até atingir a maturidade, são fundamentalmente os mesmos de hoje.

Não creio que eles sejam, nos dias atuais, melhores nem piores do que nós fomos. E me parece que vão acabar dando a volta por cima na sua rebelião — descobrindo que o “legal” é ser legal: casar, ter filhos, tratar a mulher com carinho, respeitar as leis da natureza e da convivência social.

É, pelo menos, o que eu espero que aconteça com eles — como, na realidade, acabou acontecendo comigo e meus companheiros de geração.

Na verdade, a minha vocação literária, cheia de dúvidas e incertezas, é constituída fundamentalmente de esperança: esperança de uma harmonia ideal entre a infância, a juventude, a maturidade e a velhice. A literatura não me sustenta apenas no sentido econômico, mas também existencial. Só atinjo a minha verdadeira dimensão, e presto contas a Deus, através do que escrevo.

O que busco escrevendo, em suma, é saber quem sou. Para que eu seja do meu tamanho, como todo mundo devia ser do seu: nem maior, nem menor. Quero dar o melhor de mim, que não é lá grande coisa, mas é tudo que eu tenho. Procuro ir ao extremo de mim mesmo. Não pretendo me exceder, mas também não quero ficar devendo. Esse é o meu objetivo na literatura e na vida.

Sendo assim, o estilo de escrever tem de ser o mais simples possível: o ideal estético, no meu caso, é que a linguagem seja transparente, cristalina. Na hora de escolher entre duas expressões, opto em geral pela mais simples. Uma oração tem sujeito, predicado e complemento. Mesmo me afastando desta ordem, procuro não perdê-la de vista. E sobretudo tomo cuidado em não abusar dos complementos. Procuro com isso conquistar algum leitor que comece a ler um texto meu e não pare antes de chegar ao fim.

Mas se o leitor consegue ir até o fim sem parar, com o escritor é bem diferente... Nada me parece mais penoso que a busca da expressão adequada. Há mil maneiras de dizer uma coisa e só uma é perfeita. Para descobri-la, posso chegar a escrever mais de cem páginas e acabar aproveitando só umas dez, se tanto.

Foi o que me aconteceu também na concepção desta novela, *Os restos mortais*.

A ambiguidade, o duplo sentido, a ambivalência são elementos bem significativos, principalmente no comportamento do homem em relação à mulher e vice-versa. É o que prevalece em outras novelas de minha autoria também publicadas pela Editora Ática, como *O bom ladrão*, *Martini seco*, *O outro gume da faca*. Já em *Os restos mortais* o caso é ainda mais grave, pois não se trata de homem e mulher, mas de pai e filho — diante de um cadáver.

Um jovem médico se vê às voltas com o enterro de um humilde empregado de seu pai, sempre adiado por esta ou aquela razão. O que acaba constituindo para ele sinistro tormento, num clima de pesadelo. Até descobrir quem na realidade era o morto...

Para dizer a verdade, eu próprio não estou certo em relação ao surpreendente desfecho. Só me resta deixar a critério do leitor — e enquanto aguardo a sua reação, vou tomar um uísque, como fazem ao fim os dois personagens principais.

Fernando Sabino

Ah, o corpo, meu corpo, que será do corpo?

Carlos Drummond de Andrade

A simples ideia da viagem já deixou meu pai agitado, às voltas com uma série de providências: não ia ao Rio desde 1943. Estávamos em 1963: vinte anos, portanto. Nas vésperas do embarque, veio me procurar no consultório, preocupado:

— Vou ter mesmo que ir com sua mãe. Afinal de contas, é para o batizado do sobrinho dela.

Eles seriam os padrinhos — este era o pretexto do irmão de minha mãe para que fossem ambos passar uns dias no Rio em sua companhia.

— O senhor faz bem em ir com ela — procurei tranquilizá-lo. — Qual é o problema?

— Não podemos largar a casa vazia, só com as empregadas, sem um homem para tomar conta. Pensei no Galdino, que é que você acha?

— Quem?

— O Galdino, que cuida do sítio lá em Betim. É de confiança, bem-mandado, de muita serventia. Aquele rapaz do olho, não se lembra?

Eu me lembrava: um rapaz com o olho infeccionado, tracoma, se não me engano, que ele havia tempos trouxera de Betim para se tratar com o doutor Santa Cruz.

Meu pai tinha boas relações no meio médico (formei-me em medicina por insistência sua), embo-